



RENOVAÇÃO

NUMERO
19

Renovação

REVISTA QUINZENAL DE ARTE, LITERATURA E ACTUALIDADES

PUBLICA-SE NOS DIAS 1 E 15 DE CADA MÊS

Director: *Santos Arranha* * Editor: *Alexandre de Assis* * Propriedade da Secção Editorial de «A BATALHA»

Officinas de composição e impressão: *Imprensa Belesa — R. da Rosa, 99 a 107*

Redacção e Administração: *Calçada do Combro, 38-A, 2.º — Lisboa* — Telefone: *Trindade 5 3 9*

SUMARIO do numero anterior:

OS INTELECTUAIS E AS DITADURAS, por *Ferreira de Castro* — O APOSTOLADO DE LENINE, por *Rocha Martins* (com retratos) — A REACÇÃO RELIGIOSA: SALVEMOS AS CRIANÇAS!, por *Nogueira de Brito* (com gravuras) — UM CONGRESSO ABOLICIONISTA EM LISBOA, (com gravuras) — VIDAS AGITADAS. HOMENS E FACTOS: *Henrique Malatesta* (com retratos) — AS SUPERSTIÇÕES EM PORTUGAL, por *Ladislau Batalha* — O CÊU, O ESPAÇO E O INFINITO (com gravuras) — O MUNDO CURIOSO — UMA HOMENAGEM A GOMES LEAL — ACTUALIDADES GRÁFICAS: Ainda as festas comemorativas do setimo aniversario de *A Batalha*; A greve ferro-viaria de *Lourenço Marques*; Monumento dedicado á «*Miseria Humana*» — CAPA: desenho de *Rocha Vieira*.

Ano I — Numero 19

Lisboa, 1 de Abril de 1926

Renovação

O MÊS DE ABRIL

Com o ingresso do Sol no signo de Tauro coincide a chegada do mês de abril. A exuberancia da vegetação e da flora são como um sorriso acolhedor da Natureza. Respira-se um ar festivo

calos nas mãos, de lançar à terra já lavrada os primeiros grãos.

A tradição bafeja o mês de abril. Diz-se que Ovídio explicava a origem do nome deste mês

— *aprilis* — como o anuncio da primavera, o *abrir* das folhas e das flores. Outras tradições dizem que o vocabulo deriva do grego *aphril* — espuma — por ser o mês dedicado a Venus, a deusa nascida das ondas. E ha quem atribua a etimologia a *Aphrodite* (Venus), ou a *Aper* (ou *Aprus*), que era o nome de um deus ou heroi da hipotetica lenda.

O *peixe de abril* saboreia-se no primeiro dia do mês. A mentira pode parecer pesada, mas é sempre inocente. E' neste dia que o sr. Antonio Maria da Silva se pode afirmar um politico honesto e liberal, sem recear o menor desmentido. Até na jesuitica e intolerante Castela se diz ser o primeiro de abril o dos Santos Inocentes. No ruidoso escandalo do Angola e Metropole, é no primeiro de abril que o juiz Alves Ferreira encontra a verdade toda e não receia dizê-la em nota



Prato lavrado em prata, alusivo ao mês de Abril, que se conserva no Museu Pitti de Florença (Imitação Cellini Benuto)

que dá às almas alegria intensa. Abril é o mês simbolico.

Os japoneses, povo de minuciosa fantasia, chama-lhe *seimei*—puro resplendor, dias claros— e *koku-u* — chuva nos cereais. Tambem fazem uma linda festa — a *festa das bonecas* — que algumas cidades europeias, com diplomas de civilização, teem já macaqueado sem sucesso. Outrora, o imperador e principes da China, ao surgir abril, iam fazer a cerimonia, que não faz

oficiosa. Quando se indaga da razão original do peixe de abril depara-se logo a hipotese de ter sido dada por Noé, que neste dia soltou da sua arca a pomba mensageira: mas a verdade até no primeiro dia de abril desmente a lenda; e diz ela, enfronhada na Historia, que em abril, no reino de França, se felicitavam pessoas que discordavam do calendario gregoriano, com ditos de espirito, prendas sem valor e noticias sem verosimilhança. E como no come-

ço do mês sai o Sol do signo zodiacal de Pisces, se deu a tais brincadeiras o nome de *Peixe de abril*.

Os hermeticos alemães sorriem neste mês festivo. No dia primeiro enganam as pessoas fazendo-as atarefadas em todas as direcções na entrega de recados sem significado algum, assim parodiando a farsa catolica das idas e vindas de Cristo, entre Herodes e Pilatos; eis uma graça de que ainda se não lembraram os nossos livre-pensadores... Á pessoa atirada com ingenuidade para esta inocente brincadeira se apoda de *bobo de abril*.

Como todos os meses alegres, abril é proverbial; não é, porem, conselheiro, como o sr. dr. Bernardino Machado, que Deus conserve florido na cadeira de S. Pedro da Republica. Se em abril *faz frio*, — *pão e vinho*, o que se torna

agradavel perspectiva para as regiões do Douro e Extremadura; se as chuvas são copiosas, beneficiando as terras de sementeira, então... *aguas mil*; e a juventude, mesmo a juventude obtusa e reaccionaria das universidades, é dada como *abril da vida*...

A politica e as revoluções tambem teem o seu calendario de abril. No dia primeiro, evocase a sinceridade de todos os legisladores e a felicidade de todos os cidadãos, não havendo, portanto, por desnecessarias, as prevenções rigorosas; e dizem até que a policia dá folga aos receios dos pacatos e à desconfiança dos agressivos. No dia cinco rememora-se a mortandade feita pela guarda municipal, das janelas da igreja de S. Domingos, para gloria de Deus — foi ha uns *bons dezassete* anos... Por *dias de abril* são conhecidas na historia franceza as sucessivas insurreições de Paris, Lyon e outras cidades, no ano de 1834, contra o govono de Luís Filipe, que logo exerceu, como o fazem hoje ditadores e legais, uma barbara repressão. Na historia da Holanda tambem abril é famoso: em 1853, houve um movimento politico, a pretexto de divergencias constitucionais entre protestantes e catolicos, e que deitou abaixo um ministério. Portugal bate, talvez, o *récord* dos dias de abril. Temos a abrilada, no dia 3 do ano de 1824, que



Alegoria ao mês de Abril — Esmalte de Pedro Raymond. — Museu do Louvre

ficou celebre na historia, e foi um movimento contra os liberais do tempo. Já em plena Republica, tivemos o 27 de abril, movimento sedicioso tão republicano que sempre ficou «nas brumas da memoria»; o 18 de abril, no ano passado, insurreição que tinha o objectivo de perseguir, e quem sabe se fuzilar, quem não estivesse de acordo com os seus principios... se eles triunfassem. Fique nos manuais politicos o proverbio *em abril revoluções mil*, que não será descabido nem àquem da conta.

A fechar este *mês de abril*: por *abril*es entendem os espanhois — salero! — os anos que marcam os periodos da meninice, da puberdade, da adolescencia e da juventude, havendo pessoas maduras que tambem gostam de ter — quarenta *abril*es, pouco mais ou menos... E quando façam anos, é de bom tom desejar-se aos prendados *felizes benções e floridos abril*es. Os grandes senhores e a inconstancia da atmosfera tambem teem o seu proverbio: *abril*es e *condes todos los más son traidores*. E a efémera juventude e a fugaz beleza tambem sabem que não ha dois *abril*es num ano; por isso é que desejamos ás nossas leitoras — se os leitores dão licença — muitos e prolongados *abril*es por toda a vida.

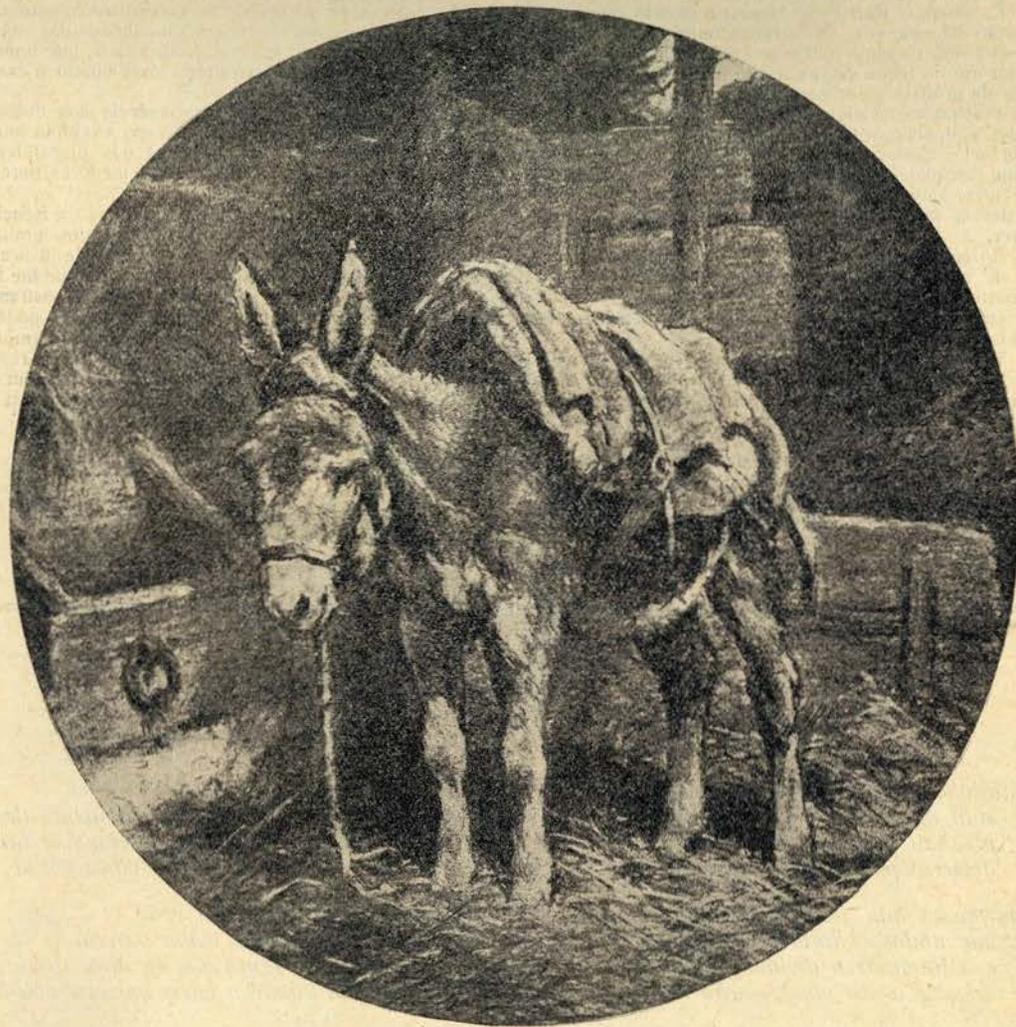
O ELOGIO DO BURRO

O Congresso Nacionalista decorreu, como todos sabem, com uma *elevação* digna de registo.

A máxima tolerância, uma inexcusada correção o caracterizaram. Todos os congressistas se trataram como irmãos dilectos, todos os políticos que ali foram deram um raro exemplo de respeito pelas opiniões dos outros.

sono solto as conpiscuas pessoas que sonham com a união da família portuguesa e *nada mais* querem do país, do que viver à *tripa-forra!*

O pior para o Congresso Nacionalista é que, segundo o relato da imprensa, nem uma só tese nêle foi discutida, de interesse ou não, nem uma só medida foi



O Congresso Nacionalista foi o que se pode chamar um pretexto para aproximar a grande família republicana, um incentivo à solidariedade partidária. Dizem-me, ao ouvido, que alguns dos membros do congresso serão amanhã os dirigentes do país, uns pelos acidentes naturais da renovação governativa, outros pelas flutuações costumadas da onda revolucionária. Ou sejam os primeiros ou sejam os segundos, do que podemos estar certos é de que a disciplina social está bem entregue, a boas mãos! Ora, até que finalmente! A sociedade portuguesa necessitava, de há muito, de quem tivesse mão nos desmandos que nela se praticam a miúdo, de quem, com o exemplo do seu caracter e das suas acções, possa impôr uma ordem e um respeito que permitam que durmam a

tomada que implicasse o bem estar do povo e que alguma coisa significasse no equilibrio social e no progresso da vida nacional. Ou mentirão os jornais?

Que nos conste, a única resolução tomada pelos *pacatos* e *disciplinados* congressistas foi a de isentar os burros do chamado imposto de trânsito. Ora aqui está uma deliberação que poderia não abonar muito as grandes faculdades mentais dos congressistas, mas que certamente é lisongeiro para o espirito de solidariedade que os mesmos, por uma tendência natural de espécies zoológicas afins, devem manter.

O facto representa, além disso, um alto exemplo de justiça para quem tantos serviços tem prestado à Humanidade. E folgamos que seja o partido que blasona de

maior competência dentro da República, que o tenha feito. Em qualquer outro, o significado não teria tão grande retumbância. Mas, no partido nacionalista que arregimentou todos os velhos unionistas que constituem a gema da intellectualidade republicana, o que levou a graça indígena a chamar à sua sede Universidade do Calhariz, a circuns-tância sobe de conceito, de importância. Por mim devo dizer que tenho a mais alta consideração por esse animal paciente que se chama o Burro. Este irracional tem sido alvo de injustiças flagrantes. Ninguém o tem poupado, desde os outros irracionais que o olham de soslaio até ao homem iminente que se serve da designação de *burro*, para deprimir o seu semelhante.

E, afinal, o Burro não afronta o mundo com a complicação da sua voz, tão afecta a outros animais. A sua maneira de exprimir reduz-se a três notas ligadas entre si, por um fio tenue de respiração que falta a muitos cantores de profissão, em geral fazendo mau uso do seu órgão respiratório. Fisionomicamente o Burro é extremamente simpático, como affectivamente é sobremaneira amável. Chamam-lhe teimoso? Puro erro! O que ele é, é um disciplinado que tem repugnância em sair fora do que está constituído. Marcha numa direcção certa e não se desvia por muito perigo que a sua existência possa correr.

El-Rei manda marchar, não manda chorar, diz o ri-fão. E' a obediência cega do exército que recebe ordens e as cumpre, sem um assomo de observação discordante. Preconiza-se esta obediência na chamada sociedade organizada. O contrário é indisciplina...

Temos pois que o Burro possui a qualidade que dizem os actuais homens de Estado que mais falta na sociedade actual: a disciplina. Presumimos o que seria de vantajoso para esses orientadores, a substituição por Burros de muitos dos actuais homens!

Decorativamente o Burro vale e não pouco. Não me digam que este animal não é airoso. Quando os vejo cabriolando por essas estradas fóra, quando os observo isocronos nos seus movimentos, a praticarem o seu pesado mister de puxar ou de carregar, como eu esteticamente inferioriso os homens que se contorcem, que tomam

posições exquistas, que revestem aspectos picarescos, em igualdade de funções. E ainda com a diferença humilhante para os homens: o Burro muito oprimido reage, bastante arreluíado riposta com aquele tradicional *coice* que nos homens é bem mais desalegante!

E, que dizer da utilidade do Burro?

Todos a conhecem, ninguém a contesta.

Fardos pesadíssimos aconchegam-se sem perigo ao seu lombo resistente, gente de vária espécie sente-se garantida quando o cavalga e não raro poeta tem feito o seu elogio, tem-no cantado nos seus versos! No campo restrito da política, quantas pessoas haverá que possam comparar-se a ele, na persistência do seu pensar, na fi-xidez das suas ideias? Chamaram aos miguelistas — burros — para concretizar a inamobibilidade das suas opiniões. No próprio Congresso Nacionalista, que bom teria sido se a persistência partidária fosse buscar o exemplo aos burros!

Os homens teem feito concorrência aos utilísimos e disciplinadíssimos animais, não no exemplo que eles dão de utilidade e disciplina, mas nos disparates que eles, os homens, lhes atribuem, muito menores, porem, do que os que estes praticam.

O Congresso Nacionalista aprovando a isenção do imposto de trânsito aos Burros mostrou uma grande independência, não receiando fazer um acto de justiça e revelou claramente que não se atemorisa de que lhe façam concorrência no campo da utilidade social, mostrando-se alheio a qualquer sombra de emulação que lhe podessem porventura, atribuir. A mim, comove-me este amor pela verdade, partindo ele, como partiu, de pessoas respeitáveis no campo republicano e que só dizem e fazem o que a disciplina partidária lhes aconselha! Haja alguém nêste país de sábios que tenha veneração pelos Burros!

Wogueira de Brito

SONETOS

PAIXÃO

*Vestidinha de preto, aspecto grave,
ei-la que sobe o Templo de mansinho,
pizando aquí, ali o rosmantino
disperso pelo chão da extensa nave.*

*Seus passos mui subtis são vôos de ave
que andasse junto à terra, mui baixinho;
e a iluminar o divinal caminho
despede o seu olhar clarão suave.*

*Que olhos, santo Deus! Ninguém diria
que era Semana Santa. Melhor luz
não dava, certamente, a luz do dia.*

*Se aqueles olhos visse, o bom Jesus
qu'ria morrer por eles e pedia
para o pregarem outra vez na Cruz...*

ALELUIA

*Aleluia! Bendita luz aquela
que enche os Templos e as almas de alegria!
De onde vinha essa luz? Ninguém sabia
se era do Ceu ou se dos olhos d'Ela...*

*Todos se precipitam para vê-la.
De tão linda que vinha parecia
que era uma santa que do Altar descia,
a bençam dando a quem quizesse oblê-la.*

*Eram sinos, flôr's, cantos... que mais sei?...
Devia ser assim o Paraíso!
Cá fóra entre os mendigos me pstei...*

*Transpunha Ela a porta e eu, indeciso,
descobri-me, ajoelhei-me e mendiguei...
e mendiguei-lhe a esmola de um sorriso.*

ABRIL

Bento Faria.

1926

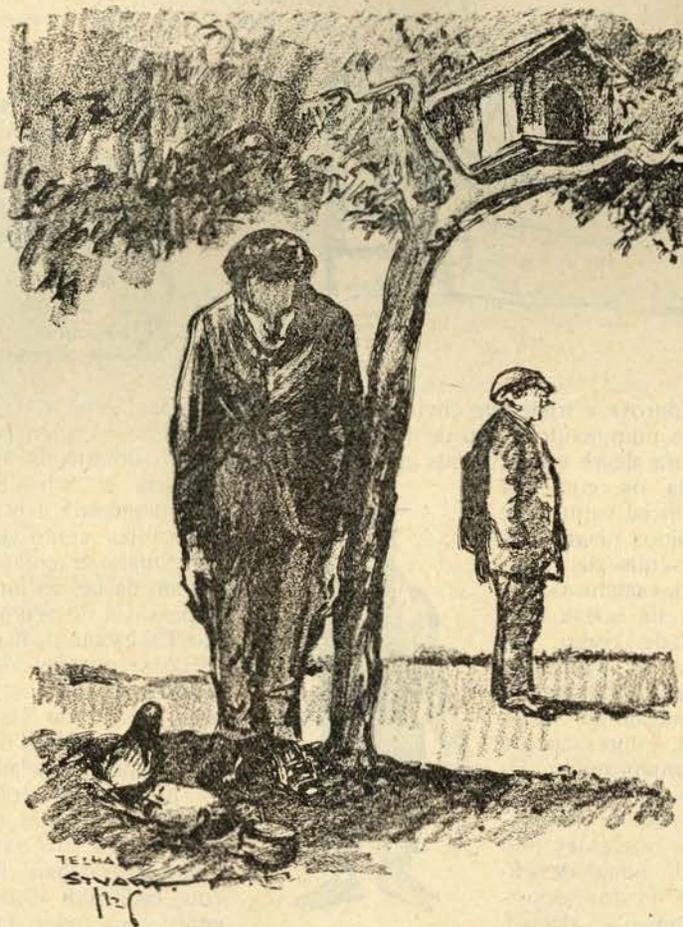
Os doidos vistos por um artista de talento

Stuart Carvalhais, o primoroso desenhador que os leitores da *Renovação* conhecem e estimam pela sua obra sentida, profundamente dramática, por vezes e quasi sempre sublinhada de uma ironia amarga, esteve ha pouco tempo internado numa casa de loucos. E muita gente por este motivo imaginou que êle estivesse doido. Stuart esteve fazendo uma cura de repouso no Telhal, lugar aprazível, cercado de uma paisagem luminosa e tranqüila que vale por todos os remédios e drogas do mundo, para levar calma aos nervos excitados pela vida intensa da cidade e instalar

na alma sofredora uma paz vivificante. A amizade do sr. dr. Luís Cebola, médico do Telhal, que muito se tem interessado pela abalada saúde do artista, foi a unica razão da escolha daquele lugar bucólico e lindo para momentaneo pouzio de Stuart Carvalhais.

Não perdeu seu tempo o desenhador conservando-se ali cerca de um mês: recuperou a saúde e encontrou para a sua arte um motivo admiravel — a loucura,

Os *croquis* encantadores que acompanham estas palavras são a cabal demons-



tração de que Stuart soube aproveitar o seu tempo em benefício da sua arte.

Traçados rapidamente, com um poder de síntese invulgar, na pressa febril de não deixar escapar uma expressão, nem um gesto estranho, nem uma atitude exótica, Stuart realizou alguns dos melhores trabalhos da sua brilhante carreira de artista.

A loucura é dos motivos de arte mais difíceis de interpretar. Não basta ser-se um desenhador correcto para traçar essas criaturas estranhas, cuja alma, cujo cérebro se regulam por extraordinárias visões de um mundo diferente do nosso, de um mun-

do mais virginal e misterioso do que a propria morte. E' preciso possuir-se uma sensibilidade vibrátil e uma intuição subtil, como a de Stuart, para fixar o impalpavel, para desenharr toda a beleza trágica, toda a expressão dolorosamente cómica desses entes desgraçados e inuteis para a vida normal.

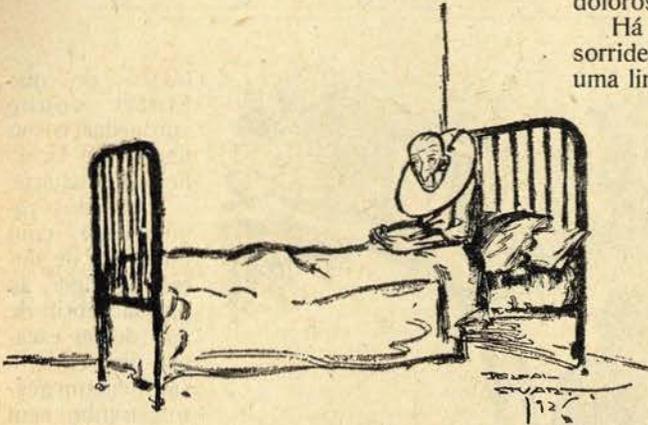
Sempre tive pelos loucos um interesse e um carinho invulgares. E quando, num esforço sobrehumano consigo penetrar, por momentos, no mundo infernal onde vivem enclausurados, sinto o assombro e o terror de mim mesmo. Receio não voltar mais, quedar-me perdido para sempre naquelas visões alucinantes, onde a côr das cousas assume aspectos sinistros de sangue e fogo e a razão se compraz em teorias tão espantosas



e arrojadas que ultrapassam os limites da inteligência humana.

a nós que os contemplamos e nos transportamos por requinte de sensibilidade às alturas dolorosas da sua desdita.

Há também os doidos discretos que vivem sorridentes e superiores ao mundo, acarinhando uma linda ilusão. Esses julgam-se fadados para



Há a loucura dolorosa e triste que envolve as almas dos doentes num manto negro de melancolias. Há a loucura alegre e descuidada que

ilumina os corações de artificial ventura. E os doidos alegres, os doidos que riem gargalhadas satânicas, que roçam na nossa sensibilidade como um diamante aguçado num vidro transparente, causam-me arrepiante impressão de dôr, provocam-me lágrimas sentidas.



Esses olham-nos do alto da sua ilusória competência e, achando-nos pequenos e insignificantes como vermes, mais se compe-
netram da beleza inultrapassável do seu gênio. Esses são os mais felizes porque não tombam como nós, a cada passo, do cimo dos ideais sôbre a dura, a áspera realidade.



Tenho a impressão de que esses doidos, de olhar desvaído e gestos desordenadamente alegres,

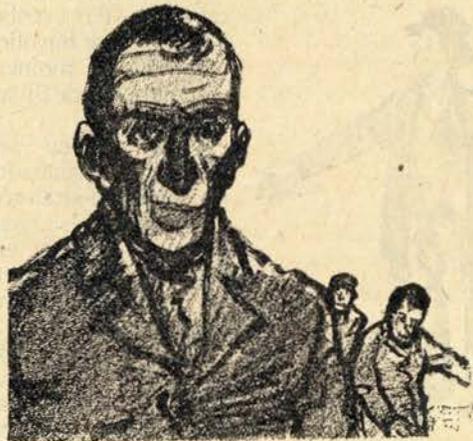
estão rindo constantemente da sua desventura. E esse riso ingênuo como o sorriso da infância parece-me um cruel sarcasmo lançado à face da verdadeira, da clara e límpida alegria humana.

E os paráliticos, os que vegetando amarrados a uma cadeira de braços, como os moluscos informes à rocha àrida, sem vibração sentimental, sem emoção, sem expressão no olhar — a fala esquecida e o gesto incosciente; esses

paralíticos mortos assim, para a vida a superior, talvez sejam os que menos sofrem, porque seus nervos não vibram em vulgares sensações; mas são os que nos fazem sofrer mais,



Em sínteses perfeitas, num poder de expressão intenso, Stuart Carvalhais focou cada um destes entes com quem privou, conservando-lhes o que eles possuem de dolorosamente ridículo. Resultou uma obra agri-doce, como a inspiração de Stuart sabe



encontrar no âmago do seu belo talento. A *Renovação* arquiva hoje com a publicação dessa série de *croquis* que os leitores estão apreciando, uma obra profundamente humana, pelo sofrimento que dela se desprende, e pela amar-



gosa beleza — a beleza tragi-cômica da loucura — tão irmã afinal da beleza tragi-cômica que emana das scenas dramáticas onde só pessoas de juízo colaboram.

O que a loucura encerra de mais doloroso é a sua extraordinária semelhança com a razão mais sólida.

Mário Domingues

Uma necrópole merovíngia

No priorado de Feuillancourt, proximo de Saint-Germain, o proprietario duma quinta, ao escavar os alicerces para um pavilhão, fez uma descoberta que o deixou tão admirado como contrariado. Os operarios encarregados do trabalho encontraram, logo aos primeiros golpes das suas picaretas, ossadas humanas, cobertas por enormes louzas.

O estranho achado foi comunicado ás autoridades, e continuaram-se as escavações; dois esqueletos foram successivamente arrancados da terra; outros se descobriram depois. O terreno ocultava uma imensa necrópole. Alguns corpos haviam sido enterrados envoltos em lençois; outros, numa camada de gesso. Apenas a um fôra dada a distincção póstuma dum túmulo de pedra.

Uma coisa impressionou fortemente os que procede-

ram a exumação desses corpos: a estatura dos homens que ali repousavam; o minimo que mediam esses verdadeiros gigantes era um metro e oitenta centímetros. Um dos esqueletos tinha *dois metros e dez centímetros!*

Como a descoberta era de vulto, foi comunicada aos arqueólogos e entendidos, que procederam a varios e interessantes estudos, dos quais parece poder concluir-se que esses colossos viveram ha uns 1500 anos, na época tenebrosa dos Merovingios.

Alguns dos esqueletos acusavam mutilações horri-veis; entre elles, havia tres ou quatro que haviam sido decapitados, e depois colocada a cabeça sobre o peito.

Na opinião do doutor investigador Salomão Reinach, essas mutilações constituíam um habito desses tempos, motivado pelo receio de que os mortos voltassem a apou-quentar os vivos; isto parece indicar que os esqueletos que mostram tais mutilações pertenceram a individuos cuja morte não causou grande pena...

Reinach declarou que a necrópole devia ser do tempo do imperador Dagoberto, isto é, do século VII e não do V. Mas estudos posteriores fazem prevalecer a primeira hipótese, que lhe dá mais duzentos anos de existência.

FRANCISCO VIANA

Mais um velho sonhador e lutador por uma sociedade mais humana que a presente, em que não haja bocas famintas de pão nem corações sequiosos de amor, foi ceifado pela morte implacável. Francisco Viana, operario metalurgico, faleceu no dia 10 do mês findo, deixando da sua



passagem pelo planeta Terra a mais viva saudade nos seus contemporaneos pelas boas qualidades que o distinguiam. Foi um valioso militante da justa causa do proletariado, honestissimo nas suas acções, de uma sinceridade rara nas suas ideias e de uma nobre e altiva dignidade perante as vicissitudes da vida, e as perseguições e os sofrimentos que acompanham sempre os que pelem pelo Bem e pela Justiça.

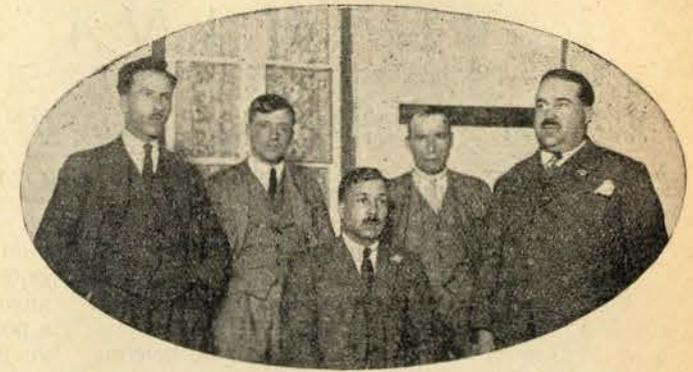
ACTUALIDADES



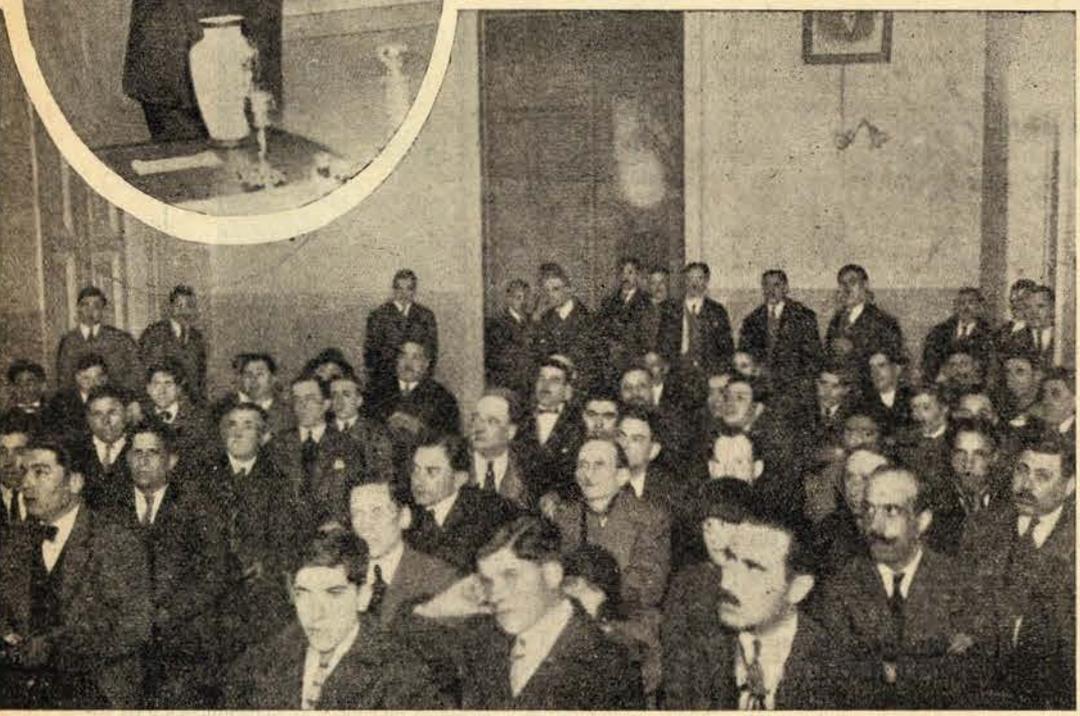
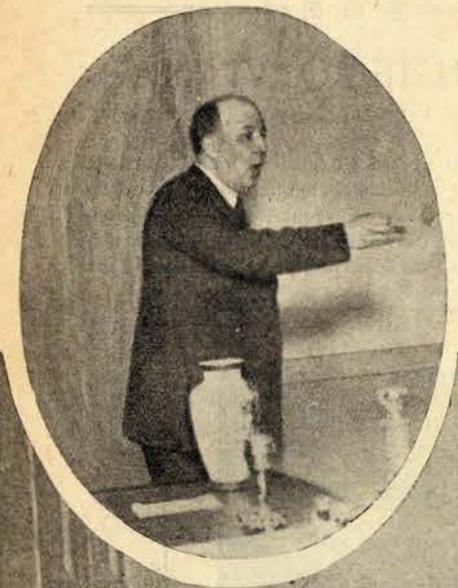
A circulação de automoveis—As associações de chauffeurs do sul e norte de Portugal reclamaram junto do Govêrno a reforma do decreto que regula a circulação de automoveis—Na nossa gravura os delegados das referidas associações: Da esquerda para a direita: Albano Pinheiro, Fernando Casimiro Manços, Hoche de Almeida Graça e António dos Santos Coelho.



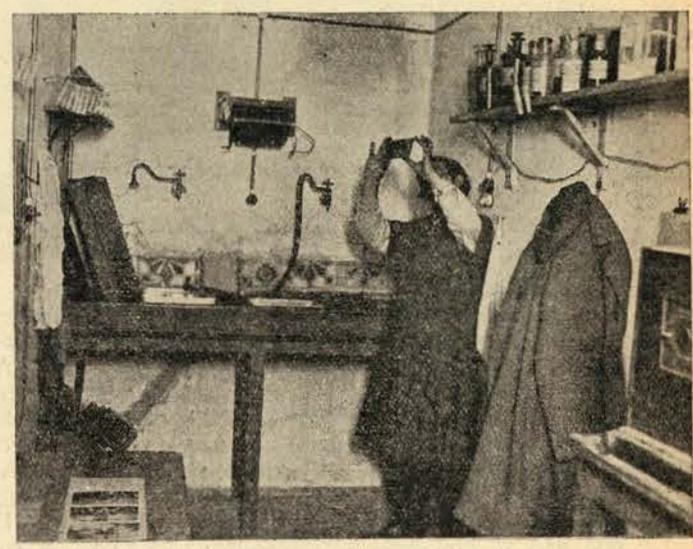
Comemorando uma iniciativa—No dia 10 de Março, um grupo de chauffeurs da Cooperativa Lisbonense comemorou o primeiro semestre da circulação dos «taxis Citroën», com um almoço que correu muito animado. A nossa fotografia mostra um aspecto da assistencia á referida festa.



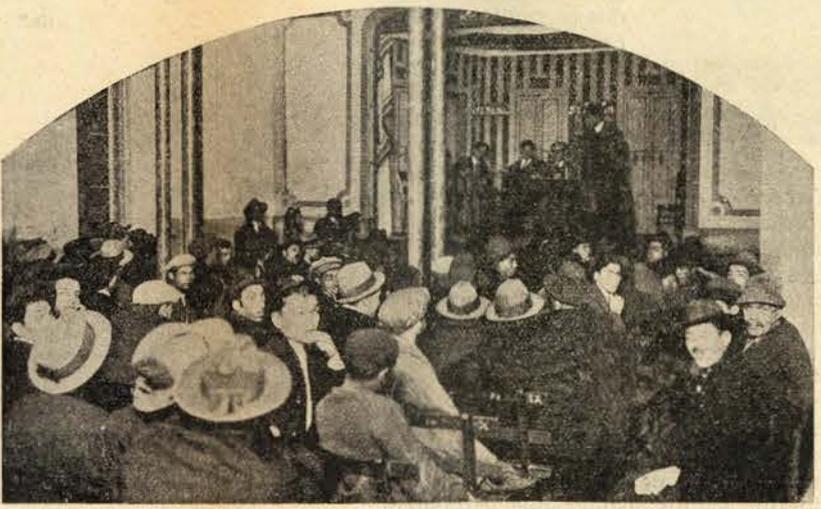
Corpos gerentes da Cooperativa Lisbonense de Chauffeurs—Da esquerda para a direita: Antonio Alberto dos Santos, Mário dos Santos, Francisco Nunes, João C. da Silva Araujo e Albano Pinheiro.



A semana anti-fascista—A assistência à conferência sôbre o fascismo do dr. Amancio de Alpoim, na séde da Associação de Classe dos Caixeiros de Lisboa. Em cima, o conferente.



Uma iniciativa simpática—Os distintos e experimentados reporters fotograficos Almeida, Franco e Salgado organizaram entre si uma cooperativa de trabalho, a que deram o nome de *Núcleo Fotografico de Reportagen*. A fotografia superior marca o inicio do Núcleo em Março de 1925, vendo-se da esquerda para a direita os simpáticos fotografos Carlos de Almeida, Anselmo Franco e André Salgado. Na gravura inferior, o reporter Almeida trabalhando na camara escura.



A semana anti-fascista—A sessão de protesto contra o fascismo realizada no Salão da Construção Civil. Fotografia tirada na ocasião em que Santos Arranha pronunciava o seu discurso.

SEMANA SANTA

A FEIRA DAS VAIDADES E DAS TENTAÇÕES.—AS MULHERES QUE VÃO À IGREJA, E OS HOMENS QUE LÁ NÃO VÃO.

Todos os anos ha um periodo de sete dias muito aproveitaveis para o psicologo, para o artista, enriquecer o seu peculio de apontamentos. E' a Semana Santa.

Passados os frios, os aguaceiros do inverno, as almas despem-se de apreensões, abandonam a sensação de peso recolhida no ceu enevoado, ceu baixo, sombrio, e aparecem vibrando ao sol, em toda a pujança dum renascimento. As almas despem-se e os corpos tambem. A Primavera com os seus lindos dias de sol, é um magnifico pretexto para a exhibição do nu, e as mulheres passam, mais leves, de mangas curtas e os decotes mais, mas muito mais, profundos e reveladores.

Enfim, sob o influxo da Primavera, da vida renovando-se, tudo em torno se revela, como se o sol desfizesse as pesadas nuvens de preconceitos e das conveniencias.

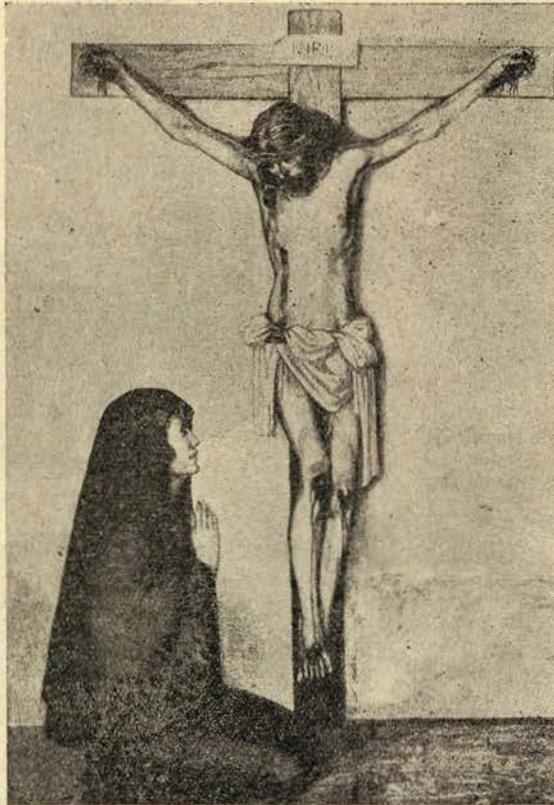
Os homens aspiram mais espontaneamente, com maior sensação, a vida livre, e debandam como pastores para os campos, colhendo flores, mandando ao diabo a maçada da civilização, devorando petisqueiras em mangas de camisa.

E' a vida, em toda a sua veemencia de côr, de movimento, de felicidade e de goso.

Ora é precisamente neste periodo do ano que a Igreja se lembrou de encafiar, sob as naves sombrias dum templo, toda uma humanidade que não se contem em si, e debanda para os campos para, mais á vontade, brincar como se voltasse a ser criança, feliz, despreocupada, pulando, gritando, trepando ás arvores e deixando atraz de si, entre risos ingenuos, um rastro de flores.

E não só a Igreja obriga essa desditosa

humanidade a amadorrar sonambula, num recanto tetrico, penumbroso, com imagens terriveis, mostrando chagas repugnantes, como a impele a prostrar-se de joelhos ante a idea do calvario de um homem, de quem ela tem sido o maior caluniador.



Num periodo em que tudo, desde o ceu ao aroma irrompendo das mais escondidas raizes, incita à alegria, à vida victoriosa, a Igreja, revelando-se bem a hospedeira da religião da morte, pretende arrebanhar almas e corpos, para lhes pregar a tremenda maçada de os condenar ao jejum e à adoração da negação da vida.

Claro, o resultado é facil de prever. O rebanho cheio de sol, excitado de aromas, entra na Igreja e faz do templo o lugar preferido para as suas diversões, para a sua ansia de expandir todos os sentimentos de prazer que lhe vão na alma.

No periodo da Semana Santa, a Igreja é o lugar escolhido para todas as liberalidades.

E' o salão e a horta. E' a exhibição de trajos e o duelo descarado de beliscões.

As mulheres preparam-se para assistir ás solenidades do redentor crucificado, com os melhores trajos que com mais exito façam esquecer os homens da prudencia que devem ao mais elementar preconceito na moral dos costumes.

Então, espreitando-se, farejando goso, toda a categoria de homens e de mulheres vão à Igreja bater com a mão no peito, e fazer aquele amor batidinho, com a segurança que dá o facto dos santos lisongeados perdoarem tudo.

Assim, a Igreja, na Semana Santa, é o refúgio, o *rendez-vous*, dos grandes gozadores.

O penhorista que leva todo o ano explorando bairros de famintos, roça-se pelas damas e para não perder tempo, com um pouco de água benta, julga-se livre de todos os pecados, vai pagando a sua contribuição ao logar marcado no ceu, e vai gosando bons bocados na terra. E todos, todos os grandes pulhas, todos os grandes exploradores, todos os libidinosos, *maqueraux*, e batoteiros, todos os que fazem do amor um vício, e do seu semelhante um explorado. vão à Igreja, pela Semana Santa, prestar o seu culto às mulheres, como feira de vaidades e de tentações.

As mulheres, o mesmo.

A mulher que frequenta as praias, os casinos, que se exhibe semi-nua nos clubes ou nas termas; a mulher que toma parte em todos os pagodes, na mais desenfreada devassidão, também, pela Semana Santa, vai à Igreja representar a odiosa farça da santidade.

Todas as que vivem do prazer, do luxo, todas para quem a vida é a exhibição dos mais grosseiros pecados, formam a grande bicha que invade as Igrejas, saindo de narinas dilatadas pelo cio, sem o cuidado sequer de dissimularem a virtude que a Igreja recomenda.

E verifica-se a mentira da Igreja, a mentira

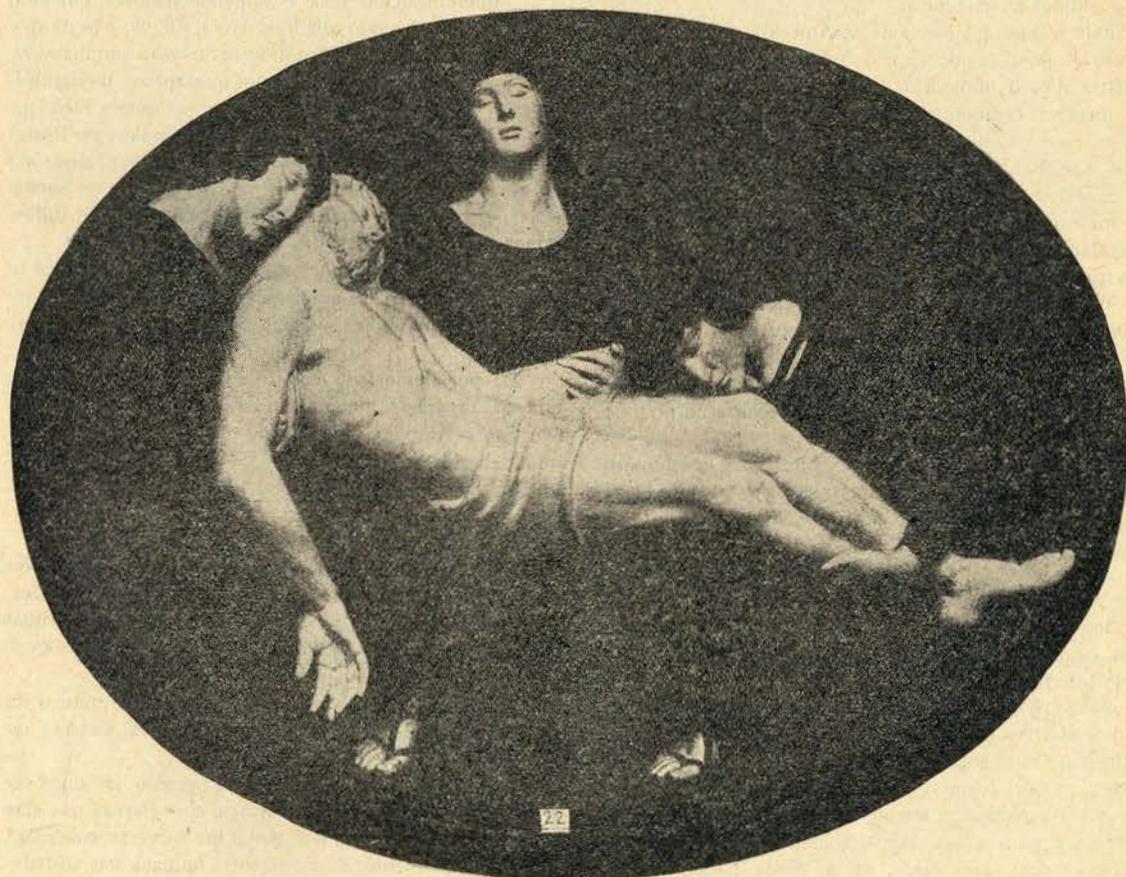
da virtude e o triunfo da vida que irrompe alegre, impetuosa, até vencer todo o ambiente do terror do pecado.

E' que afinal são a mentira da vida, a falsidade da negação dos sentimentos humanos, que geram o pecado. Os maiores cultores do pecado são eles, esses falsos castrados, esses tartufos, esses palhaços da cruz, porque, sem a mentira do pecado que eles criaram, não seria possível a sua nefasta opressão.

E assim, são eles próprios que oferecem os seus templos á feira do amor, do luxo e á exhibição do preludio de todos os vícios.

São eles que corrompem a vida, são eles que não permitem que a humanidade viva conforme a Natureza, porque deste modo seria impossível a sua intervenção. E' a velha arma do catolicismo, a velha perfidia do sacerdote; criar doentes, seres degenerados, para que eles intervenham com a mentira da salvação, com o embuste da fé que consola, que redime.

Só a massa trabalhadora, a que não gosa, a que se não diverte, se não associa a este embuste, a esta feira de amor, de luxo, porque não lhes consentem o trabalho, a sua rude e sincera concepção de felicidade, e o seu horror á mentira.



A RELIGIÃO E A ARTE — *Dór* = escultura do notável artista espanhol Santiago Costa

SUPERSTIÇÕES EM PORTUGAL

V

O PRÉMIO E O CASTIGO DOS SANTOS. — AS PROMES- SAS E AS REPRESÁLIAS. — O ESTUDO COMPARATIVO.

Por onde quer que se olhe, logo se nos deparam vestígios da influencia perniciosa e da intervenção directa da Igreja na adaptação das antigas superstições e na confecção de outras novas.

Reportando-nos, por exemplo, ao culto orgiástico de Santo Antonio, encontramos generalizada a cómica usança de amarrá-lo, prendê-lo e até mesmo metê-lo no fundo de um poço, na crença de que assim se obriga o Santo, ídolo convencional, a satisfazer alguma exigencia, ou a fazer qualquer cousa.

Este método de castigar os Santos, os Idolos, os Deuses, prendendo-os, amarrando-os, metendo-os na agua ou no fundo dos poços não é privativo de Portugal.

Muitos outros povos antigos e modernos fazem o mesmo. Em Africa Central vimos os indigenas espancarem os manipulansos ou idolos que traziam dependurados ao pescoço, como ameaça para que não deixassem de ser atendidas as exigencias.

Este hábito, extensivo até ás Américas onde os seus primeiros descobridores já o foram encontrar, bem demonstra que o homem é quem gera as divindades á sua imagem e similhaça, tratando os poderes sobrehumanos como se homens fossem e concedendo-lhes qualidades e atributos caracteristicamente humanos.

E assim se explica que ele recorra á intimidação e até mesmo ao prévio castigo dos Santos, para que eles, intimidados e acovardados, realizem as obras boas ou más que se lhes exigem...

Tambem perdura por todas as partes, principalmente onde o Cristianismo e o Budismo preponderam, o método da recompensa ou prémio aos Deuses e, aos Santos, a todas as entidades sobrenaturais benéficas ou malévolas, ás quais o supersticioso atribue a realização de uma boa ou má obra.

Este suborno prometido aos Santos para que promovam directamente ou sejam intermediários perante Deus para que uma cousa pedida aconteça, chama-se entre nós uma Promessa.

As promessas constituem outra superstição alimentada pela Igreja com os fins duplos de manter a humanidade coacta e sempre dependente de Poderes extranhos, cujo interprete na Terra é a casta sacerdotal, e tambem obter proventos rendosos.

Estas promessas feitas geralmente em horas afflictivas por motivos de doença, roubo, violencias, temporais, naufragios, etc., consistem em missas pagas por certos preços, cilícios, jejuns e mais flagelos que bestificam, ou objectos adequados e simbólicos, como quadros com o desenho e pintura dos supostos milagres realizados ou pernas, braços, pés, mãos, seios, olhos, bocas, narizes, orelhas, etc. tudo de cera que é artigo muito valioso.

Uma outra superstição de origem religiosa consiste

nas represálias ao Santo ou castigo de abandono, quando o Santo não faz a cousa que lhe pedem e a troca da qual se fizera a promessa.

Nas «Constituições Synodais do Bispado de Portalegre» com data do Seculo XVI, alude-se a estas represálias e simulados castigos aos Santos, que a Igreja fingia querer reprimir por motivos que oportunamente exporemos.

No seu livro V — titulo V — capitulo 3.º fala-se de superstições usadas para intentos particulares, como

«furtar as imagens dos santos das Igrejas e levá-las para suas casas, dizendo que não hão de tornar á Igreja, se os santos lhes não derem saúde em suas enfermidades, ou lhes não depararem alguma cousa perdida, ora tomando-lhes fiador sobre isso, atando-as com fitas e outras ataduras, ora levando-as junto de agua e fingindo que as querem deitar nela e tomando fiadores, que se o santo até certo dia lhes não dér agua, hão de deitar a imagem dentro e outras cousas similiaes.»

Tal é o texto autentico em que apenas modernizámos a ortografia. Por ele e por tantos outros identicos por todas as diversas Constituições Synodais, de Portugal e das Colónias, vê-se que era habito, que ainda até hoje subsiste nalguns logares, não só castigar os Santos e as imagens que os simbolizam, mas rodear de atilhos e fitas de sentido cabalístico e mágico.

Tambem os indigenas da América e os de Africa ligam os idolos e os manipulansos que trazem ao pescoço ou a tiracolo, com atilhos, cordeis, fitas e *licondes* ou cordas de mato.

E' por demasiado conhecido que ainda hoje entre nós as raparigas metem de castigo no fundo do poço o seu Santo Antonio, seja ela de pau, de roca, de marfim ou de barro, por não lhes ter feito o milagre de casa-las durante o ano que decorreu até 13 de Fevereiro.

Vê-se, pois, com clareza sempre crescente, como todo o misticismo do passado se foi diluindo em superstições, com desaparecimento de nomes e sobrevivencia de ritual confuso, geralmente praticado ás escondidas do vulgo e para evitar censuras ou profanações.

Aqui deve vir a razão de se chamar ás práticas da magia, superstições e feitiçaria — Sciencias Ocultas ou Ocultismo.

Apreciando num relance tudo quanto já temos escrito sobre superstições, verifica-se com clareza que elas pôdem e devem vir a trazer muita luz sobre as condições de desenvolvimento da inteligencia humana nas sociedades por toda a terra e no decorrer dos séculos.

A comparação das mais remotas superstições com

as identicas ainda seguidas pelos povos selvagens actuais levar-nos-ha a compreender o modo de funcionamento intelectual da humanidade, nos seus vários estádios de desenvolvimento.

Verificado que as superstições, quando as consideramos sob o ponto de vista biológico, despontam identicas em regiões diversas e muito afastadas, como acabámos de ver com as fitas e atilhos em volta de santos, manipansos e panelas mágicas na Europa, em Africa e na América que nos tempos mais remotos não tiveram *intercourse*, revela-se com a sua identidade material, uma outra identidade de concepções ou seja unidade psiquica.

Consideradas sob o ponto de vista dos processos de repercussão e transmissão, podem e devem as superstições vir a trazer muita luz para a correcção das migrações primitivas cujo traçado ainda não se acha inteira e perentoriamente certo e muito menos concluído.

Um tal estudo, que ainda está por fazer, revelar-nos-ha não só a identidade e analogias de maior número das superstições dispersas por toda a Europa até ás regiões

do velho Egipto e Caldeia, mas permitir-nos-ha tambem determinar o modo e a ordem das várias sobreposições étnicas e o significado original de certos usos e costumes de adivinha, esconjuro ou maleficio no emprego da peneira, vassoura, circos mágicos, figas, signos, cabalimos, etc.

E tudo isto justifica a razão do nosso empenho em inquirir das costumeiras supersticiosas, cuja importancia e significado nem a todos ainda é dado surpreender.

Ladimian P. P. P.

OS SEIS HOMENS MAIS RICOS DO MUNDO



Henrique Ford

Rockefeller

Baril Zaharoff

Baroda

Hugo Stinnes

Mellon

A existência dum homem muito rico implica sempre a existência dum grande número de homens muito pobres. Diante de fotografias que reproduzem as fisionomias de seis homens muito ricos, a verdade que acima enunciamos uma vez mais nos atravessou a mente. E fitando suas fisionomias banais parece-nos lêr em todas elas a ideia de que esses homens espantosamente ricos teem realmente a convicção de que estão colocados muito acima da humanidade a que, apesar de tudo, ainda pertencem. O dinheiro é uma grande força social — e nalguns dêles as suas fortunas elevam-se a ponto de ignorarem até onde pode ir seu poder que, sob o ponto de vista económico, os eleva mais acima do comum dos mortais do que antigos tiranos.

A fortuna dos reis, dos antigos reis absolutos, comparada com a dêles redundando numa pobreza insignificante e indigna. Os bens de Luís XVI, decapitado por uma cólera formada por muitos séculos de servidão, nada são, nada

valem postos ao lado dos de Henri Ford, o rei do automovel, o rei dos milionários americanos, cujos rendimentos atingem 45 libras por minuto, e, portanto, 6480 libras por dia. Luís XVI estaria economicamente em relação a Henri Ford como o sr. Cunha Leal está para o mais miserável dos mendigos.

Gaekwar de Baroda, cuja fortuna nunca pode ser calculada, possui diamantes e joias que valem mais dum milhão de libras. Maria Antonieta, pródiga e suntuosa, se fosse viva morderia, diante dêste milhão de libras em joias, seus lábios nervosos, com furor e despeito, sentindo-se diante daquele milhão em joias modesta como uma dactilografa. Este Gaekwar de Baroda permitiu-se a extravagância, que roça pela loucura, de ter o seu palácio guardado por canhões de oiro que pesam 200 quilos. Se os projecteis que êles disparassem fossem constituídos por diamantes e outras peças preciosas, não faltariam, neste mundo róido por iniquidades, misérias e exasperos, desesperados ambi-

ciosos que se prontificariam a morrer junto à bôca dos seus canhões para terem, ao menos, a irrisória consolação de verem sua vida metralhada pela fortuna, a morte vomitada por uma bocarra de ouro!

Zaharoff, o milionário grego, não menos rico do que Baroda, também possui canhões. Mas se Baroda é um fantasista que se permite canhões no seu palácio, Zaharoff é um homem prático que prefere os canhões de aço, sem sequer se dar ao capricho de ter alguns nas suas principescas residências. Zaharoff é o maior accionista das fabricas de armamentos e um dos grandes interessados em que os orçamentos de todos os países inchem de maneira a poderem comportar as fabulosas verbas donde êle extrae seus fabulosos lucros. Para Baroda os canhões são mais decorativos do que práticos, ao passo que para Zaharoff os canhões são mais práticos do que decorativos. Uma guerra, uma esplêndida guerra, esplêndida quer dizer intensa, perpétua e mundial, seria o paraizo não sonhado. A perspectiva de meia humanidade trucida enebria-o. Esta guerra europeia, formidável e monstruosa, não passou para êle dum brinquedo infantil, dum simulacro risivel da guerra que êle ambiciona. Contudo este homem que adora os massacres, não embirra com a paz, a paz armada, aquela paz que armazena os canhões para os campos de batalha do futuro, aquela paz que faz duplicar e triplicar as fortunas consideraveis dos accionistas das fábricas de armamentos. Zaharoff deve estar contentíssimo com o tratado de Versailles e até com o pacto de Locarno.

Rockefeller é riquíssimo e tem um sentimento dominante que chega a ser nêle uma obsessão doentia. Enquanto Zaharoff só de-

seja a guerra e sua filha predilecta, a paz armada, Rockefeller detesta-a, salvo quando é a sua pátria que a promove. Rockefeller não ama nem a guerra, nem a beleza, nem a verdade, nem o amor, nem o ódio. Rockefeller ama enternecidamente os pobres. A filantropia é nêle um prazer consecutivo e profundo. Sem grandes hesitações, sem grandes meditações, o grande milionário americano teve um gesto largo: abriu alguns dos seus cofres e entregou às casas de beneficencia a dádiva fantástica de 100 milhões de libras. Rockefeller nunca pode ver pobres. Sua presença produzia-lhe tão fundas emoções que o levaram, por vezes, a mandar metralhar e fuzilar os seus operários que extraíam o petróleo das suas minas. Talvez achem nêste gesto uma crueldade excessiva aqueles homens que ordenaram o fusilamento de crianças em Silves. Mas atentai — almas compassivas que disparastes contra crianças — o milionário americano suprimia-os porque a existência dos miseráveis fazia-o sofrer enormemente. Os pobres são para Rockefeller uma preocupação obstinada. Sua fortuna, como de resto todas as fortunas, ao formar-se, gerou pobres, gerou espan-tosas misérias. O ideal para Rockefeller seria destruir todos esses pobres, todas essas misérias. E seu sofrimento é grande porque já deve ter constatado que a extinção dos pobres só seria uma realidade, quando cessassem de vez as iniquidades que o tornaram milionário. Nêste ponto é que Rockefeller diverge... E confia que os canhões de Zaharoff lhe permitam manter de pé os privilégios sociais que o tornaram milionário, que lhe permitiram nutrir pelos pobres seus grandes e inextinguiveis sentimentos filantrópicos...

A CILADA

CONTO DE EDUARDO FRIAS

A rua era triste, duma tristeza agressiva como se os predios se alinhasssem, contorcidos, fracassados, dispostos para inverosimeis combates disputando o sol

As janelas, como que se espreitavam numa raiva surda, e uma canção saindo do fundo obscuro das habitações, crusando o ar, era um grito de mau humor, uma ladainha de derrota, de desespero...

Só um cão ladrando, apedrajado pelo rapazio, abria um rasgão nesta imobilidade soturna, neste ambiente de desconfiança. As janelas, ás portas, irrompiam sorrisos, gargalhadas, e algumas vezes, comovidos acessos de ternura pelo animal martirisado. Mas era só pelos cães. A ternura era perigosa, a gargalhada um insulto, e as portas e as almas voltavam a cerrar-se, monotonas, hostis.

Assim, quando ele notou que no predio fronteiro á janela do seu quarto, uns olhos persistiam em fita-lo, ele teve medo, e toda a sua vida de sacrificado, de timido, revolveu perigos, ancidencias, como se pressentisse a ne-

cessidade de os comprimir para dar logar a um novo de-sastre.

Aqueles olhos eram como seteiras, atravez das quais o predio fronteiro, como uma fortaleza, manifestava a sua furia desesperada de combater, para assegurar a existencia de mil inimigos occultos na desgraça e na fatalidade. A vida era assim.

Uma rude batalha em que um minuto feliz custava uma existencia de crueldade.

Esmagar, espezinhar, eis o caminho da felicidade.

Ele nunca quizera, nunca soubera trilhar esse caminho, e a sua vida era a vida de todos os derrotados, a vida de todos os rapazes prestes a envelhecer na incerteza, na ingenuidade, no fracasso.

E perturbado, medroso, quando alinhava numeros no modesto escritorio instalado tambem numa rua sombria, enganava-se, comprometia-se estupidamente com o seu futuro, que era o patrão, perguntando a si proprio:

— Mas que desejarão de mim aqueles olhos que me fitam, que me esperam, com tamanha insistência? Que querem eles arrancar à minha vida, se eu não tenho nada, se eu não passo afinal de um desgraçado que nada tem para dar?

Para que se preocupam aqueles olhos, afinal a vida, comigo?

É deitava-se, sempre ruminando ideias, em volta deste pensamento:

— Não resistirei... Não posso mais com isto. Os desgraçados são os mais perseguidos pela vida.

Não bastava viverem como vivem à margem dela.

Imagine-se agora o alvoroço que invadira a sua alma envenenada nestas cogitações, quando descobriu que os olhos terríveis que tanto o preocupavam eram uns olhos de mulher, uns olhos que nada tinham da agressividade da rua onde morava, nem a opressão sombria do escritório onde mal conseguia ganhar para viver.

Eram uns olhos que sorriam, uns olhos commuita luz, uns olhos que transfiguravam tudo.

Começou então a olha-lhos com ternura prescrutando neles o verdadeiro caminho de uma vida nova.

A rua já não era tão triste, nem o trabalho tão monotono, tão mal remunerado. O que era preciso era trabalhar mais, finalmente alegrar a vida, divertir-se, viver, porque, em boa verdade, ele nunca se divertira, nunca tomara parte numa rapaziada, numa pandega. E aqueles olhos eram como estrelas iluminando-lhe o caminho, como dois raios de sol ensinando-lhe a alegria de viver.

Uma manhã saiu de casa espantando a visinhança com o seu assobio, e ao escurecer, quando voltou do trabalho, e encanou bem com os olhos da visinha, estava tão bem disposto, via tão claro, que acabou por reparar que os tais olhos que a principio o mergulharam em profundas reflexões, eram uns olhos muito gaiatos, muito atrevidos.

Sua alegria tornou-o comunicativo, aproximou-o de antigos colegas transviados no torvelinho das grandes pandegas, e entusiasmado, sofrego, deu-se a imita-los, com tamanha furia que passou a ser solicitado, querido, festejado.

— Ora até que enfim, homem! Alguma vez havias de deixar de ser um parvalhão.

E para não ser um idiota, para ser em tudo um homem como seus companheiros, foi abrandando os seus escrúpulos, tentando penetrar todos os segredos da velhacaria. Os olhos da visinha eram cada vez mais atrevidos e, uma tarde, fingiu-se doente, ficou em casa e... atreveu-se.

Na vespera, num grupo de amigos experimentados nas artimanhas das facéis conquistas, concertou-se um plano e o rascunho do bilheteinho a mandar por um garoto da visinhança.

Sim. Ele fôra um idiota, um destes tansos que supoem a moral um genero de primeira necessidade. Os amigos, os outros, os que só querem gosar e passar adiante, tinham razão. Mudou, e tudo lhe corria bem. A visinha correspondia logo, com uma pasmosa rapidez, às solicitações do seu bilheteinho.

A ele que julgava... Mas afinal como era a vida, como ele andava fora dela... Pois bem. Agora é não olhar para traz.

E avançou, entrou na senda da audacia, e acabou por conhecer a logica, a terrível logica da vida bru-

tal, da vida feroz, aguerrida, impiedosa. Mentiu, assimilou o embuste, e muito orgulhoso, como numa grande victoria, entrou a prometer à visinha tudo quanto sabia que a podesse estontear. Era o casamento, uma linda casa, um amor eterno...

Era assim que faziam os outros, os outros que tinham muitas conquistas, muitas aventuras galantes. Elas choravam, depois passava. O importante era viver, era gosar a vida, era não se deixar amachucar e não ser tolo. A vida era assim. Pois não assistia ele ao facil resvalar de uma visinha? Não via ele que a vida era tão brutalmente assim que desde o inicio da sua mudança de atitude os triunfos se apresentavam tão facéis?

Se assim não fôsse, ele nunca poderia vangloriar-se de levar uma mulher ao gabinete reservado de um restaurante.

Porque ele conseguiu essa tremenda victoria. Na sua vida simples de pobre diabo, de timido, arrastar uma mulher a uma aventura equívoca, era um triunfo retumbante. Ela viria, vinha com certeza desde que se entusiasmou



Estavam contrafeitos, suspensos não sabiam de quê...»

com a proposta e não mostrou muita resistencia. Ela vinha, estava disposta a tudo porque ele prometera casamento rapido, e na atmosfera de mentiras em que iniciou o seu novo caminhar na vida, ele enganara-a, jurando-lhe que não era pobre, que um tio rico da provincia olhava por ele e o empregara num escritorio, porque não gostava de mandriões na familia, mas que em casando, as coisas mudariam.

Portanto, ela que não tivesse medo e mandasse ao diabo a familia, que no passeio, juntos, ele mostraria bem a prova de tudo quanto lhe afirmava...

E acreditou que ela viria, somente porque ele a soubera enganar como tantos outros...

No fundo era sempre o mesmo, um desastrado ingenuo. Compreendeu, assimilou o sentido brutal da vida, mas não soube ver que se ele estava disposto a vencer pela mentira, a mesma força que a isso o impeliu, tambem arremessaria os outros contra si, com a mesma ou com maior impetuosidade e dissimulação.

E não viu a cilada. Não a pressentiu, insinuando-se na facilidade do seu triunfo, na rapidez como alcançara decidir aquela rapariga que a principio o espreitava entre os vidros e passava depois a aceitar o seu convite traiçoeiro para se isolar com ele uns demorados momentos num restaurante.

Não viu nada. Com toda a sua ruidosa transformação, com toda a sua esperteza, não cuidara de se acaute-

lar, de se informar. E caiu no logro. Era a grande cilada, era a luta sombria que resumava em tristeza, na tragica apreensão da casaria tortuosa da rua onde morava.

Como ele, também ela era impelida a abandonar os seus ingenuos temores, o seu isolamento da vida tal como brutalmente se lhe apresentava, na crueza de uma revoltante luta de interesses e baixezas.

Também ela fóra triste e se refugiara num alheamento de fracasso, de victima da mentira da vida.

Ela mais do que ele. Nela, era a propria familia, onde sonhava encontrar um afecto, quem a expulsava para a realidade da aridez da existencia sem mais alguma coisa que não fosse a disputa grosseira do pão para a bôca, do pão deitado em cara a todas as horas, porque a escravidão nunca era a bastante para o merecer.

E este ambiente de escravatura, de obediencia, continência, e o sentimento da impotencia da revolta, abriu no horizonte da sua vida pesadas nuvens de falsidade, e iniciaram-na na grande escola da dissimulação.

Passou a espreitar uma oportunidade para se libertar, para não mais suportar o despotismo da familia, o esmagamento dum lar acanhado, onde todos se confundiam, se empurravam. No predio fronteiro, surgia ás tardes, o vulto melancolico dum rapaz, a quem o seu instinto aguçado attribuia as faculdades comuns aos pobres diabos, e iniciou a caçada. Seus olhos perseguiam-no como uma fera diante da cubicada presa. Despediram ondas de uma falsa ternura e acabou por vencer, por tremer de jubilo, quando febrilmente, ele uma tarde murmurara alvoroçado, contente, triunfante:

— Então, amanhã, não falte ao passeio combinado ...

— E vinho?

— Sim, traga vinho também, de... De que vinho gosta mais a senhora...

O criado acudiu benevolente, ironico, interrompendo o embaraço...

— Eu tenho aí uma coisa muito boa...

— Sim... sim... escolha, traga... á sua vontade...

O criado afastou-se.

— Não se senta...?

— Ah!...

Estavam contrafeitos, suspensos não sabiam de quê. A refeição não os interessava, e os intuitos reservados que ali os reunira desfizeram-se, confundiram-se numa amalgama de sentimentos que os aturdiu... Dominava-osa uma sensação de mal estar, como se estivessem prestes a cometer um crime.

— Depois ameijoas... Sim?

Era o criado que estava junto dêles... sorrindo, e que entrara sem ser notado.

Então ele fez um esforço:

— Depois nós chamamos.

Bebeu dois copos a seguir, para se estimular, para vencer a estupidez de um invencível torpor, duma inoportuna ternura...

Voltou a fazer novo e violento esforço.

— Daquí a pouco o sol está a bater-nos na cara; é melhor fecharmos aquela janela, não lhe parece?... — Talvez!

Levantou-se, cerrou a janela, e quando voltou á mesa, encontrou-a triste, com a cabeça entre as mãos, traindo uma comoção quasi a desfazer-se em lagrimas.

— Vamos comer alguma coisa, sim? Um pouquinho depressa...

Elê ficou satisfeito por ela o auxiliar dêste modo a quebrar o constrangimento que os colocava hirtos diante um do outro, e tentando mostrar-se alegre, desocupado:

— Tem muita pressa? Muita?... Não seja má...

Ela não ponde mais contêr-se e as lagrimas deslizaram sobre o seu rosto macerado por uma grande angustia, por uma infinita ternura.

— Que tem?

Também ele revelava uma ternura enleante, uma sincera, uma ingenua preocupação, quando a interrogava.

Afastou o prato e acercou-se dela com meiguice, comovido, contendo o impulso de lhe pedir perdão, de lhe confessar um grande arrependimento de a haver enganado, de a querer igualar a tantas mulheres, áquelas de quem os seus amigos contavam ruidosas aventuras...

Ela envolvia-o numa atmosfera de simpatia, de carinho, de comovido agradecimento.

Mais sensível do que ele, o seu instinto de mulher penetrava rapidamente os sentimentos dele.

Via-o, não um ingenuo, um simplório a quem levaria com facilidade á burla do casamento, mas uma alma boa, sacrificada como ela á brutalidade da vida. Apiedou-se dele. Agora que se sentia distante do ambiente da familia, daquela rua triste que era, na propria configuração dos predios, uma insinuação constante á rude, á surda hostilidade entre as almas, voltava a ser a mesma rapariga de coração affectuoso, de temperamento sonhador, que não se conforma, que não se deixa aliciar á legião imensa de desgraçados a quem a vida impeliu á mentira, á ferocidade.

Chorava, e suas lagrimas eram a confissão sincera da derrota das suas artimanhas, era a confissão de que se sentira caída na outra cilada; a cilada dos proprios sentimentos, superior ao calculo, ao interesse mesquinho.

E esta cilada era a mais perigosa porque fazia cair sobre eles a avalanche da vida, sem lhe poder opôr uma defeza.

Era esse medo que a levava a dizer, agora sorrindo, entemecida.

— Vamos sair depressinha, sim?...

Ele teve vontade de a beijar, de a beijar com amor, aquele amor que une para sempre duas existencias para um só destino, e teve medo também de cair no mesmo perigo, na mesma cilada.

Beija-la, possui-la mesmo, para depois a abandonar clinicamente, não havia perigo. Mas deixar-se impelir por um sentimento nobre, por uma simpatia elevada, e atrair sobre ambos a desgraça, de modo nenhum. Com a vida como ele a tinha, não podia arrastar senão para a fome aquela tão linda, tão affectuosa rapariga.

Era linda, e um outro homem, melhor do que ele poderia faze-la feliz, liberta-la da vida de sacrificio em casa da familia. Ele não. Agora que já a estimava, que já a amava, não podia consentir nessa loucura, e foi ele mesmo que, num grande esforço, decidiu:

— Se não estamos dispostos a comer, vamos sair.

Ela agradeceu do fundo de alma aquela resolução. Compreendeu, sentiu bem a nobreza daquela renuncia, viu nela o alvorecer dum grande amor e sentira o impulso de o beijar, de lhe deitar as mãos ao pescoço e gritar-lhe:

— Perdoa-me. Eu quiz enganar-te... Eu quiz perder-te... Fui eu que te trouxe aqui, clinicamente. Fui eu que tive a coragem de transigir a combinar com a minha familia que viessem aqui surpreender-nos, para te agarrar e obrigar-te a casar á força, porque eu assim o queria para fugir de casa, daquela maldita casa onde todos me humilham, e porque a minha familia também tinha interesse nesse casamento, porque estavam mortos para me expulsar de casa...

Fui indigna, mas eu não esperava que podesse vir a amar como te amo, e ver num homem um tão grande amor como aquele que eu leio nos teus olhos meigos e ingenuos... Abraça-me muito... Nunca tive carinho. Todos me hostilizam... Não tenho culpa... Leva-me...

Conteve-se. Ele já estava de chapéu na mão. Era preciso sair rapidamente, não viesse a familia surpreender-de-los. E aquelas duas victimas da brutalidade da vida, que entraram naquele restaurante para se possuirem e des-simularem com beijos a cilada dos sexos; aqueles dois naufragos, a quem a mentira da vida atirara um sobre o outro como fêras, acabaram por se separar tristemente, precisamente na hora em que o amor, a verdadeira lei da vida, lhes indicava que se deveriam ligar para uma vida inteira.

Edwards F. ad

Não basta lêr a **Renovação**. E' preciso espalhá-la! Se cada um dos seus actuais assinantes angariasse um assinante novo, **Renovação** poder-se-ia publicar com o dobro de paginas sem alteração de preço.

Publicações recebidas

Recebemos e agradecemos :

Crime e prisões, pelo dr. Rodolfo Xavier da Silva. Trata-se de uma obra notavel para o nosso acanhado meio scientifico. Dividimo-la, para efeitos da nossa apreciação, em tres partes: aquella em que o autor critica, condenando, a nossa organização judicial, o nosso codigo penal, os nossos tribunais e cadeias, e que reputamos o melhor do seu estudo; a outra, em que o autor descreve a vida prisional, os costumes e a linguagem dos presos, e que é interessantissima, completa e vivida; e a ultima, em que o autor se ocupa da genese do crime e seus agentes, e que é a mais deficiente, a que nos deixou mais a desejar, pois, o sr. dr. Xavier da Silva tem do crime a concepção do codigo penal, e não a concepção sociologica, scientifica e natural do crime. E' pena que só nos fale dos crimosos que estão fora da lei, olvidando os que a lei protege. Apesar disto, que aliás é muito, é muitissimo mesmo, o importante trabalho do sr. dr. Rodolfo Xavier da Silva, como condenação á barbara organização judicial vigente, é verdadeiramente formidavel.

A Índia contemporanea pelo dr. Santana Rodrigues. Eis um livro interessantissimo e de toda a oportunidade nesta hora em que o mundo inteiro se convulsiona, e em que se vive sobre um vulcão. Ha quem ignore que o vento da revolução que sopra por sobre toda a Europa parte lá desse afastado e desconhecido oriente, de lá trazendo a semente de uma nova ordem de coisas que aqui ha-de germinar, crescer e frutificar. Pois é assim. No livro do dr. Santana Rodrigues toma-se conhecimento perfeito dum forte movimento de rejuvenescimento e de reivindicación social que actualmente se está produzindo na Índia, e que embora assumma aspectos e caracteristicas muito diferentes do movimento revolucionario occidental, é norteador pelo mesmo espirito de liberdade e pelo mesmo anseio de mais bem-estar e de maior justiça.

Na Índia contemporanea está-se produzindo uma grande reacção nacional contra a dominação ingleza, e as modernas ideias politicas e sociais ali entraram abalando instituições vetustas, sufocando tradições escravagistas, dominando odios de religião, abolindo castas, desmentindo os dogmas de inferioridade de raça, insuflando aspirações de igualdade, de fraternidade e de liberdade. E' isto que, numa linguagem corrente mas elegante, e com o conhecimento que lhe dá a sua qualidade de indiano, nos diz o distinto medico dr. Santana Rodrigues no seu curioso livro *A Índia contemporanea*, cuja leitura reputamos de grande utilidade para quem queira prever os destinos a que nos levará a revolução por todo o mundo triunfante.

Maldita seja a guerra... por Ribeiro de Carvalho. Edição da «Lumen». Não é livro recente, mas como o seu autor teve a gentileza de nos oferecer agora um exemplar, daí a referencia. De quantos democratas e ex-anarquistas que foram á guerra e sobre 'ela escreveram, o unico que fez um livro revoltando-se contra esse abominavel e monstruoso crime foi Ribeiro de Carvalho. Carlos Olavo, Antonio Granjo e os outros gostaram da farda e exaltaram o heroismo, a bravura e o patriotismo do glorioso exercito português em paginas de sangue, de odio e de mentira. *Maldita seja a guerra...* de Ribeiro de Carvalho, hoje pessoa de fortuna, da Academia das Sciencias de Lisboa, e político militante nos partidos conservado-

res da republica, são sete deliciosos contos traçados com mestria que arrancam dos labios do leitor a maldição da guerra. Até parece a ressurreição gloriosa do *sonhador* de 1897 e do revolucionario de 1908!

Funambulos, novelas de Assis Esperança. O prosador de *A Vertigem* e de *Vivêr!* enfeixou num elegante volume de duzentas paginas quatro novelas: *O rebanho*, *Ruínas*, *A inimiga*, *O Vencido*. Assis Esperança tem uma prosa muito sua, a frase é de construção complicada, umas vezes elegante, outras inacessíveis á compreensão rapida. Isto, se torna o escriptor original, e o torna apreciado por muitos, divorcia-o do grande publico.

A sua produção não é, porem, banal. Assis Esperança demora-se particularmente no estudo psicologico dos seus personagens e ha muita filosofia nas lutas intimas em que se debatem os seus heroes.

Pedro, o Cru drama em 4 actos, de Antonio Patricio. Livrarias Aillaud e Bertrand. Antonio Patricio não é um *esperançoso* escriptor, mas um nome já de ha muito feito no nosso meio das letras. *Pedro, o Crú* não é uma obra nova. Quando apareceu publicada, a critica apreciou-a largamente. Por todos estes motivos, limitamo-nos a registar o aparecimento da sua 2.^a edição e a agradecer aos editores a oferta do seu exemplar.

Educação Social. Revista de Pedagogia e sociologia. N.º 3, do corrente ano, referente a Março. Sumário: Da Saude e Higiene do Professor—Dr. Costa Sacadura; Pelas Sociedades de Recreio—J. Cardoso Gonçalves; A Imprensa na Escola—Alvaro V. de Lemos; O processo experimental na Escola Primaria—Antonio Lima; Factos e Documentos.

Seara Nova. semanario de doutrina e critica. No numero 77 é notavel o artigo do sr. Raul Proença sobre o fascismo e as suas repercussões em Portugal. No numero 78 são dignos de lêr-se os artigos do mesmo vibrante panfletario sobre o Congresso Nacionalista e o intitulado *Uma infamia jornalista* em que se ocupa de um procedimento, na verdade infame, da grande imprensa portuguesa.

La Revista Blanca, N.º 68 correspondente a 15 de março—Sumario: «El hombre y la tierra» (continuación); Eliseo Reclus.—«Los ideales en las revoluciones»: Vladimir Agensen (Trad. E. Rodriguez),—«El arte literario francés»: Jacques Descluze,—«Efemérides del pueblo»: Soledad Gustavo.—«Contra los dogmas» (II): Han Ryner.—«Los polos errantes»: Alfonso Berget,—«La política internacional»: Rudolf Sharfenstein,—«Las vidas agitados»: Spinosa: Gil Blas de Santillana,—«Como se estudiaba en Russia»: Pedro Kropotkin,—«Estudios»: José Martin.—«El Caballero de La Barre», novela (continuación): Miguel Zevaco (Trad. S. Gustavo).

Os Novos. Saiu o n.º 3 desta revista dos alunos da Escola Normal Primaria de Coimbra.

A Choldra. Continua em publicação este panfleto politico que sai todos os sabados. E' violento e insere verdades e descobre escandalos.

Junta da Freguezia do Castelo. Recebemos o seu relatório e contas do exercicio de 1925 e o orçamento ordinario para o ano de 1926 desta junta e sua cantina escolar. A gerencia anterior apresenta um saldo para o exercicio futuro. Incompreensivel saldo, quando ha tanta miseria e tantos paroquianos necessitados!

Riso do Sul. Orgão humoristico dos Ferroviosos do Sul e Sueste. Director Mario Romano de Carvalho. Secretario de redacção Jorge Teixeira. Vai no n.º 18. Fazendo rir, vai castigando os costumes e fustigando os maus.

RENOVAÇÃO

REVISTA GRAFICA

DE

NOVOS HORIZONTES SOCIAIS

Arte, Literatura e Actualidades

Aparece em 1 e 15 de cada mês

Número solto, 1\$50

Condições de assinatura:

Portugal, colónias e Espanha

3 meses	9\$00
6 »	18\$00
Ano	36\$00

Estrangeiro

6 meses	24\$00
Ano	48\$00

AGENCIAS

Paris — *Livraria Internacional* — Rue Petit, 14 (19^e)

New Bedford, Mass (U S A.) — *Livraria Contemporânea*
— 56. Nelson St.

Argentina — *José Francisco de Jesus* — Cassilla, 19 — Comodoro Rivadavia Chubut.

Funchal — *Bureau de La Presse.*

ANÚNCIOS

No interior e última página da capa, ilustrados e a cores, preços convencionais com a

ADMINISTRAÇÃO

Calçada do Combro, 38 - A - LISBOA